

O ATO CONTEMPLATIVO E A NATUREZA NAS POÉTICAS VISUAIS

Djalma Barros – Mackenzie
Ivanir Cozeniosque Silva – Unicamp e Mackenzie

RESUMO: A natureza é o elemento de investigação sobre a existência humana pautado num conhecimento entre percepção e contemplação. O ato de criar, inovar, pesquisar, transformar imbuído do ato contemplativo é uma práxis de um saber milenar que o planeta terra tem onde flora e fauna sempre estiveram presentes. Questões como estas serão melhor explicitadas a partir dos pensadores ao qual faremos referências como Plotino, Ficino e Luigi Pareyson com os tópicos: natureza contemplada, correspondências entre micro e macro-cosmo e teoria da formatividade. O núcleo central deste estudo é a discussão da própria obra de dois artistas: Djalma Barros e Ivanir Cozeniosque nas linguagens da cerâmica, escultura e xilogravura. São obras realizadas nos mais variados processos estimulando a criatividade e nos propondo a vencer desafios com a materialidade e inovações estéticas.

Palavras-chave: contemplação, eco sistemas, escultura, cerâmica, xilogravura.

ABSTRACT: *Nature is the element of research on the human existence that is characterized by a kind of knowledge between perception and contemplation. The act of creating, innovating, researching, transforming, imbued with the contemplative act, is a praxis of millennial knowledge that Planet Earth has in which flora and fauna have always been present. Such matters will be made more explicit from the ideas of the thinkers to whom we will refer, such as Plotinus, Ficino and Luigi Pareyson, regarding the following topics: contemplated nature, correspondences between micro- and macrocosm and theory of form-activity, respectively. The central core of this study is the discussion of the work of two artists: Djalma Barros and Ivanir Cozeniosque, in ceramics, sculpture and woodcut. These works were carried out in the most diverse processes, stimulating creativity and proposing that we win challenges with materiality and aesthetic innovations.*

Keywords: *contemplation, ecosystems, sculpture, ceramics, woodcut.*

“À quoi bon la merveille de transporter un fait de la nature em sa presque disparation vibratoire selon le jeu de la parole, cependant; si ce n'est pour que émane, sans la gêne d'un proche ou concret rappel, la notion pure.” Mallarmé

Pertencer como ser humano a um começo de século e novo milênio é instigante e desafiador pois suscita questões novas a serem dimensionadas no âmbito da ética, moral, economia, ecologia, arte e espiritualidade. A questão que se coloca é se nossa forma de viver está coerente com nosso tempo e se esta traz felicidade para todos igualmente. A humanidade caminha sempre em busca de

realizações de seus sonhos e procura caminhos na tentativa de transpor obstáculos para a concretização dos mesmos. Por isso as pesquisas na área da medicina, engenharia, ciências humanas, campo tecnológico, artes visam trazer mais conhecimento, descobertas, qualidade de vida e atingir objetivos vitais e científicos necessários para o desenvolvimento e a nossa própria sobrevivência.

Estamos diante de problemas do aquecimento global e devastação do planeta terra que aumentam a cada dia devido a interesses econômicos, bélicos, políticos, financeiros, valores consumistas e imediatistas que provocam uma ruptura, um distanciamento, um desrespeito aos seres que vivem no mesmo habitat. O homem está mais preocupado com sua sobrevivência e soberania sobre o meio ambiente do que uma tentativa de aproximação, entendimento e generosidade aos outros reinos. Quase sempre é uma relação de apropriação, domínio e uso do reino animal, vegetal e mineral. Atitudes e anseios de 240 milhões de habitantes preocupados em suprir suas necessidades em alimentação, vestuário, utensílios, mobiliários, habitat, trabalho, lazer, higiene, saúde, transporte, lazer que acabam gerando desequilíbrios ambientais que vão colocando desafios para a manutenção dos recursos naturais e a preservação do planeta como um todo.

Essa ruptura do homem contemporâneo na sua relação com os outros reinos gerou atitudes irresponsáveis como um todo. Isso tudo nos coloca diante de dilemas de difíceis soluções sociais, ecológicas e de saúde pública. Hoje a minimização desses impactos ambientais e a tomada de consciência é fundamental. Como incorporar todo um conhecimento ao alcance do homem e não se distanciar de um vetor existencial primordial que é como viver e o que é mais importante neste século que se inicia? Por ser o período mais crítico do termômetro na relação homem x natureza há uma preocupação para nós artistas que é o quanto somos capazes de suportar o distanciamento das coisas intrínsecas à interioridade do ser e porque o homem deixou de ser um ser integrante e protetor da natureza?

Em Poéticas Visuais, isso não poderia ser diferente: transpor limitações, vícios, procedimentos técnicos para uma melhor expressão de si, do seu tempo e do cosmos. Problemáticas que estiveram sempre presentes nesse percurso de individuação que é o território das artes. Como atingir os sonhos mais recônditos de cada um? Qual o caminho a ser percorrido para que esse devaneio de si e para com o outro possa ser alcançado? Diante de uma realidade como a que presenciamos

atualmente fica a pergunta para todos os artistas: como inserir e o que produzir como obra artística nesse viés de problemática universal?

O artista e seu tempo. O artista e a consciência ecológica. Como evitar materiais tóxicos, resinas, plásticos, propor obras efêmeras, manter a documentação da obra e sua existência diante do espectador? A escolha do tema, lugar da obra deve estar alinhada com uma consciência ecológica e ao mesmo tempo atendendo a toda uma pesquisa plástica e expressiva. Colocam-se questões importantes de reutilização de materiais, métodos, formas de apresentação, dimensão, site specific devido a preocupações ambientais com as quais os artistas de outros tempos não se confrontavam nem tampouco vislumbravam tais problemáticas.

O trabalho aqui exposto de Djalma Barros e Ivanir Cozeniosque é um caminhar pelo labirinto do desconhecido, um aproximar-se da quietude do ser, um experimentar facetas e vislumbres do recolhimento, que levaram ao encontro de algo profundo e elevado. Títulos das obras como: *Etnia, Caminhos, Diários da Vida, Tensão, Claustros, Paisagens/Poemas, Espacialidades do Recôndito, Arquitetura da Luz*, entraram em ressonância com espaços, relevos, incisões e cor já prevendo possíveis desdobramentos no processo de criação.

São projetos de pesquisas onde a obra emerge como necessidade de investigar e indagar a vida. Tentativa de colocar em realidade plástica o que é visto por dentro como visão das memórias profundas. Práxis artística apresentada na linguagem da cerâmica, escultura e xilogravura como forma de apresentação de materiais que discutem, cor, opacidade, dureza, efeito plástico, harmonia entre outras descobertas que destaca a obra e revela ao expectador sua natureza mas como estado de contemplação. É a procura por momentos de quietude para lembrar ou poder assimilar ensinamentos que a natureza tenta nos passar com sua diversidade e beleza. Momentos de contemplação mais profundos e significativos do que aquilo que se conhece como observação da natureza nos estudos da arte ocidental, no campo da biologia ou medicina. O ato contemplativo aqui é sugerido como caminho possível para se conseguir a serenidade e o esvaziamento da mente pensante e analítica do homem contemporâneo. Propor novas alternativas e discussões na composição dos objetos, criar uma reflexão diante do Universo humano e de sua essência.

Esse encontro, respeito e observação da natureza pode nos trazer e mostrar formas de viver mais humanizada e sem tanta agressividade e indiferença como a que sociedade contemporânea mundialmente vem demonstrando. É um contemplar assimilando conhecimentos velados, gerando uma obra artística imbuída de uma atitude contemplativa onde contém uma reflexão e portanto investigação, discernimento e invenção. Não é um ato passivo como nos coloca tão bem Pareyson:

“A contemplação é um estado de quietude e calma, em que se fixa a miragem para olhar o objeto fora da inquietação e do tumulto da busca, e certamente, a contemplação é um estado de extrema receptividade. No qual se deixa o objeto ser, na sua verdadeira e autônoma natureza, precisamente para fixá-lo sem falsear-lhe os traços, mas aquela quietude não tem nada de passividade, nem de inércia, porque antes representa o cume de uma atividade intensa e operosa, e esta receptividade não tem nada de abandono e do esquecimento de si, porque é antes posse vigilante e imperiosa (...) chega-se à contemplação através de um processo muito ativo de interpretação (...) fazer falar com sentido espiritual o seu próprio aspecto sensível; não tanto buscar o significado da sua realidade física como, antes, saber considerar esta mesma realidade física como significado: já que não se trata de distinguir interno e externo, alma espiritual e corpo físico, pura imagem e intermediário sensível, realidade oculta e invólucro exterior, mas de encontrar a coincidência de espiritualidade e fisicidade (...) aquilo que é profundo não se encontra atrás, ou dentro, ou sobre, ou além do aspecto sensível da obra, mas é o próprio rosto físico, todo evidente na sua definida consistência material, inexaurível, no entanto, na sua insondável dimensão espiritual: geheimnisvoll offenbar, como diria Goethe, isto é misterioso e potente a um só tempo”. (Pareyson) *Os Problemas da Estética*, pgs. 156, 157, 206, 207

No trabalho do artista plástico Djalma Barros a materialidade é um motor para instigar o espectador, traçar paralelos com os materiais e fazer o ser pensante discutir origens, formas, luz, textura... Obras que instigam o indivíduo ao pensamento revelando a sua natureza e configurando através do olhar uma aproximação com a matéria e revelando-a em sua grandeza.



Etnias/ Diários da Vida

A pesquisa de Ivanir Cozeniosque se dá por níveis de relações entre momentos de observação da natureza (áreas remanescentes da mata nativa de Cotia) e momentos de pura introspecção. A busca de uma síntese de vida e de forma de se expressar por meio das linguagens eleitas a muitos anos como artista: a escultura e a xilogravura; onde através de elementos plásticos adequados a cada procedimento técnico dessas linguagens mostre reminiscência desses momentos junto à natureza. Observando ou puramente contemplando para em quietude no atelier poder deixar emergir reflexões, sentimentos profundos de comunhão e de agradecimento a toda essa grandeza, diversidade, beleza e harmonia da natureza.

Nas xilogravuras *Paisagens/Poemas* elementos de luzes entram para compor toda a atmosfera da imagem, seja pela retirada da matéria do encavo da matriz, buscando cada vez mais áreas vazias e maior sutileza com o intuito de trazer maior leveza ao que suscita do significado da obra tanto pelos matizes através de meios tons. A permanência e apropriação dos veios naturais da madeira em contraste com grandes áreas brancas e a composição das superfícies cromáticas da mais clara e rarefeita para as de maior sombra e adensamento permitem ao olhar maior profundidade do campo visual. Durante o processo do encavo da madeira como que num estado de suspensão do pensamento onde o silêncio

favorece esses momentos de vertigem para as memórias profundas com o instante da observação e com o sentimento ali gerado que intuitivamente possibilita uma reminiscência com a paisagem não no sentido de representação. Remete a um estar com a natureza e a um deslumbrar a criação em toda sua autonomia, poder de construção e equilíbrio. São imagens de um universo que é libertador e individualizante, uma atmosfera de quietude e de apaziguamento. O vislumbre da linha do horizonte, as camadas sucessivas de massas densas ou rarefeitas da mata da região e a profundidade do olhar da paisagem trouxeram uma conscientização mais profunda sobre a própria existência humana.



Paisagens/ Poemas

Nos trabalhos de esculturas *Claustros*, *Espacialidades do Recôndito* e *Arquitetura da Luz* há uma ampliação da relação entre o plano interno ou externo da arquitetura do lugar com a natureza. Nestes projetos há premissas ideológicas, ecológicas e uma consciência espiritual num repertório de vida em uníssono com a interioridade. Como acessar planos mais profundos da alma, traduzí-los em Poéticas Visuais e dar ao outro a ver essas dimensões de beleza e harmonia com o todo?

A obra escultórica aqui apresentada vem sendo realizada em gesso, onde peças são oriundas de uma montanha de areia a matriz de todas elas _ onde são organizadas e exploradas com a luz e a arquitetura do espaço escolhido e possam trazer estados mais profundos de reflexão e de estar para transformar, aquietar e despertar para outras realidades e percepções mais elevadas da existência humana.



Espacialidades do Recôndito e Arquitetura da Luz

A escolha do gesso e da montanha de areia como matriz principal das peças de esculturas se deu por serem materiais orgânicos e não tóxicos e de reutilização em todo o processo de trabalho. O tempo todo podem ser usados e processados num outro trabalho. A areia entra como fonte da obra e ela mesma se mantém inalterada após a execução da peças.

O uso da própria iluminação elétrica com tipos e cores diferentes de lâmpadas para dar força expressiva e potencializar a atmosfera criada pelas nuances cromáticas das sombras e texturas dos grãos de areia e branco do gesso, puros estados de recolhimento proporcionado pela composição das esculturas em relação ao espaço arquitetônico e a luz natural adentrando os vidros e aberturas do próprio lugar integram a natureza com a arquitetura do lugar e possibilitam maior contato com a obra.

O acender e o apagar as luzes não entra no sentido literal do termo de ver e clarear para agir, como possibilidade de ação mas o de colocar o espectador junto a uma dimensão de sonho e de transposição de uma realidade mais anímica, mais espiritual para dentro de si - o recôndito e o silencioso. Nuances de luzes vão sendo experimentadas, possibilitando vivências ao espectador como alternâncias de dimensões do aqui agora e estados da alma mais elevados. O recolhimento da presença humana em contato com as esculturas nos seus aspectos naturais no branco do gesso e nas tonalidades criadas com os tipos de luzes dando um plano mais recôndito de um olhar contemplativo. A consciência de um micro e

macrocosmo todo ele integrado e se realimentando reciprocamente e tendo relações de equivalência no plano da terra e do céu, como Ficino estudou em sua obra *Teologia Platônicas*.

Anos de reflexão e busca por caminhos em sintonia com a interioridade do ser e respeito à natureza gerou buscas de atitudes e formas de vida que pudessem falar e viver essa realidade. Uma ação que não provocasse destruição, nem pudesse agravar ainda mais esse distanciamento com os outros reinos, acabou levando a uma percepção mais interiorizada onde o ato contemplativo e o silêncio passaram a ser uma forma de existência possível. A criação onde existe a realização de si como um ser que inventa, pesquisa, experimenta, modela mas, está em respeito com tudo o que nos cerca. Uma realidade onde é possível deixar cada reino ter seu próprio caminhar pela terra, um direito à vida dado a todos os reinos que habitam a terra. Pensamentos como estes passaram a ser o conteúdo e o significado do trabalho aqui apresentado.

São espaços edificados por uma necessidade de refúgio onde realmente pode-se penetrar ou simplesmente contemplar. Há sempre um paradoxo e uma oposição entre o mundo da matéria sensível da obra escultórica, arquitetônica e a paisagem reinante com o mundo do inefável, mas que não inviabiliza a necessidade de podermos lembrar de nossa gênese, como a tradução mais verdadeira por essa procura do sagrado em nós. Há um esforço e uma ação nessa contemplação estética, que se origina em vontade de ver, como olhar espiritual, onde se dá um espelhamento da alma e da natureza.

É uma natureza contemplada como diz Plotino, lugar de sínteses transfiguradas.

"Se se perguntasse (à natureza) por que ela produz ela responderia, se pudesse entender a pergunta e falasse: não é necessário perguntar e sim compreender e calar, como eu mesma calo pois não tenho o hábito de falar. Que há para compreender? Que o ser engendrado é para mim um objeto de contemplação silenciosa e o objeto natural de minha contemplação: sou engendrada por tal contemplação e tenho um gosto natural pela contemplação. O que em mim contempla produz um objeto de contemplar, como os geômetras contemplando traçam figuras. Mas não escrevo nada senão que contemplo e as linhas dos corpos se produzem como se saíssem de mim. Tenho em mim a disposição de minha mãe e daqueles que me engendraram. Também eles saíram da contemplação e eu nasci sem que trabalhassem; e porque são razões melhores (que eu) e tais razões contemplam-se a si mesmas. Fui engendrada por eles". (Plotino) *A Alma, a Beleza e a Contemplação*, p. 67

A arte passa a ser um caminho de busca de outros níveis de realidade sem fugir do plano da imanência e materialidade das coisas. É um processo que busca na própria linguagem artística um canal de concretização para essas percepções mais apuradas do pensamento humano e ao mesmo tempo contribua como alimento anímico para a alma. Este movimento como um vórtice sobre si mesmo ganha em substância, cria movimento em profundidade, condensação e força expressiva potencializando o lado espiritual da obra enquanto dimensão outra e existência própria. São vislumbres de paz que estão cada dia mais escassos no mundo contemporâneo, mas que ficam como sonho possível nessas espacialidades do recôndito.

O estudo aqui exposto passa a ser um constructo desse caminhar artístico abordando temas, técnicas adotadas, etapas de decantação, maturação e afinidades eletivas. A idéia é chamar a atenção para esses aspectos das facetas desconhecidas da cognitividade humana a partir das pulsões estéticas latentes em cada um de nós, tendo a natureza como estímulo e resgate desses momentos do recôndito com vislumbres de beleza e criatividade. Assim, a arte pode sugerir aos espectadores investigações mais sensíveis do olhar, atuar como faíscas na consciência da individuação humana e mostrar dimensões novas de realidade.

Referências:

- AGOSTINHO, Santo. *Sobre a potencialidade da Alma*. Rio de Janeiro. Vozes, 1997.
- ALBERS, Josef. *A interação da Cor*. Prefácio de Bruno Munari. São Paulo. Martins Fontes, 2009.
- AVICENA. Hayn Ibn Yaqzan. *A Viagem da Alma*. Trad. Rosalie Helena de Souza Pereira. São Paulo. Perspectiva, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *La Poétique de la Revêrie*. Paris. Presses Universitaires de France, 1974.
- *A Poética do Espaço*: In Os Pensadores. São Paulo. Abril Cultura, 1978.
- BERGSON, Henri. *La energia espiritual*. Madri. Espassa Calpe, 1992.
- *Introduzione alla Metafisica*. Madri. Don Quixote, 1999.
- *Evolution Créatrice*: in Oeuvres, Paris. 1970.
- DAVAL, Jean-Luc. *Avant-Gardens Journal des les années vingt et les années trente*. Genebra. Skira, 1980.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo. Martins Fontes, 1997.

..... *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro. Difel, 1999.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

..... *Mito e realidade*. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2010.

FERREIRA, Gloria e COTRIN Cecília. *Escritos de Artistas Anos 60/70*. Rio de Janeiro. Zahar, 2009.

FOCCILLON, Henri. *Vie des Formes*. Paris, Presses Universitaires de France. 1981.

FUSCO, Renato de. *Historia da Arte Contemporânea*. Lisboa. Presença. 1988.

GULLAR, Ferreira. *Etapas da Arte Contemporânea, do cubismo ao neoconcreto*. Rio de Janeiro. Ed. Revan, 1998.

KLEIN, Robert. *A Forma e o Inteligível*. Org. Andre Chastel. São Paulo. Edusp, 1998.

KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo. Martins Fontes, 1990.

LANGER, Susanne K. *Sentimento e Forma*. São Paulo. Perspectiva.1980.

MICHELI, Mario de. *Las Vanguardas Artísticas del siglo XX*. Madri. Alianza Forma, 1985.

NASR, Seyyed Hussein. *O Homem e a Natureza*. Rio de Janeiro. Zahar, 1977.

PAREYSON, Luigi. *Estética, Teoria da Formatividade*. Rio de Janeiro. Vozes, 1993.

..... *Os Problemas da Estética*. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2001.

PLOTINO. *Ennéades*. Trad. Émile Bréhier. Paris. Les Belles Lettres, 1997.

..... *A Alma, a Beleza e a Contemplação*. Trad. Ivan Barbosa Rigolin e Consuelo Colinaux. PUC, São Paulo. 1981.

POMPIDOU, Centre George. *Qu'est-ce que c'est la Sculpture Moderne*. Paris. Centre Pompidou, 1986.

SCHENDEL, Mira. *No Vazio do Mundo*. São Paulo. Galeria de Arte do Sesi, 1997.

SCHWITTERS, Kurt. *O Artista MERZ*. Sprengel Museum Hannover, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2007.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o Tempo*. São Paulo. Martins Fontes, 1990.

TUCKER, William. *A Linguagem da Escultura*. São Paulo. Cosac&Naify, 1999.

ZANNINI, Walter. *Tendências da Escultura Moderna*. São Paulo. Cultrix, 2ªed. 1971.

WITTKOWER, Rudolf. *La Escultura: procesos e principios*. Madri. Alianza Forma, 1984.

Djalma Barros Gonçalves

Professor mestre em história da arte e da cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e professor assistente nos cursos de Design e Publicidade. Desenvolve trabalho na área da cultura com o design sustentável e faz parte do grupo de pesquisa *Imagens da Cultura*. Artista-plástico nas áreas de escultura, desenho e cerâmica com exposições em centros culturais, espaços públicos e galerias no Brasil e no exterior.

Ivanir Cozeniosque Silva

Artista plástica com trabalhos nas linguagens da escultura, xilogravura e atualmente com a fotografia. Já fez várias exposições individuais com destaque para *Claustros* no Memorial

da América Latina, *Transformações* no Centro Cultural de São Paulo e *Eleven Sculptures* no U.S.A. Professora universitária desde 1982 atuando na Unicamp e Mackenzie. Formada pela FAU-USP, mestrado em Filosofia FFLCH-USP e doutorado na ECA-USP.